



**UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**1º Ciclo em Criminologia**

**PROJETO DE GRADUAÇÃO**

*“ Riscos associados à utilização das redes sociais pelos menores ”*

**Miguel Albano da Costa Lopes**

**Porto, 2017**





**UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**1º Ciclo em Criminologia**

## **PROJETO DE GRADUAÇÃO**

*“ Riscos associados à utilização das redes sociais pelos menores ”*

**Miguel Albano da Costa Lopes**

---

Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciado do Curso de Criminologia, sob a orientação da Professora Doutora Glória Jollunski

## Resumo

O presente projeto de graduação realizado no âmbito da Licenciatura em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa versa sobre a temática da utilização das redes sociais por menores e os seus consequentes riscos.

Numa sociedade cada vez mais orientada para as novas tecnologias da informação, é de todo importante realçar o fenómeno crescente das Redes Sociais *online*, que de certa forma influenciam o modo de vida de cada individuo.

As Redes Sociais, vistas como fatores de aculturação e socialização, são assim bastante utilizadas por menores e adolescentes, encontrando-se estes expostos a diversos riscos que importam analisar.

Na primeira parte deste projeto será efetuada a revisão da literatura no que diz respeito à utilização da internet e redes sociais onde será possível identificar quais os riscos que apresentam maior prevalência como é o caso do *CyberBullying*, *CyberStalking* e *Sexting*.

Na segunda é apresentado um estudo empírico com um projeto de investigação que incidirá sobre a aplicação de inquéritos em duas escolas compostas com turmas do 5º ao 12º ano para assim atingir o intervalo etário situado entre os 10 e os 17 anos. Com esta metodologia pretende-se: aferir os hábitos dos menores relacionados com a utilização da internet; constatar qual a prevalência do acompanhamento parental; verificar a existência de eventuais vítimas nos riscos mencionados, e se a informação existente sobre a temática será adequada.

Palavras-chave: Criminologia, Internet, Redes Sociais, Cyberbullying, CyberStalking, Sexting.

## **Abstract**

This undergraduate project carried out within the scope of the Degree in Criminology of the Fernando Pessoa University deals with the theme of the use of social networks by minors and their consequent risks.

In a society increasingly oriented towards new information technologies, it is important to highlight the growing phenomenon of online social networks, which in a way influence the way of life of each individual.

The Social Networks, seen as factors of acculturation and socialization, are thus widely used by minors and adolescents, and these are exposed to several risks that need to be analyzed.

In the first part of this project will be carried out the literature review regarding the use of the internet and social networks where it will be possible to identify the risks that present higher prevalence such as Cyberbullying, Cyberstalking and Sexting.

In the second, an empirical study is presented with a research project that will focus on the application of questionnaires by inquiry in two schools composed of groups from grades 5<sup>th</sup> to 12<sup>th</sup> degree, to reach the age range between 10 and 17 years. With this methodology, it's intended to: assess the habits of minors related to the use of the Internet; verify the prevalence of parental follow-up; to verify the existence of possible victims in the mentioned risks, and if the existing information on the subject will be adequate.

Keywords: Criminology, Internet, Social Networks, Cyberbullying, Cyberstalking, Sexting.



## **Dedicatória**

À minha esposa, pois desde a tomada de opção em concluir este ciclo de estudos esteve sempre ao meu lado, incentivando-me com o seu inextinguível otimismo. Sem o seu apoio e esforço acrescido, jamais teria alcançado esta etapa.

Aos meus dois filhos Tomás e Francisco, que apesar de tenra idade contribuíram para alcançar a necessária força para o estudo, afinal são eles a razão da minha vida.

À minha mãe e aos meus sogros, por tudo o que ainda me ensinam e por estarem sempre presentes quando mais são precisos.

À Guarda Nacional Republicana, por me dar a possibilidade de fazer aquilo que me realiza e simultaneamente proporcionar-me todos os dias uma nova aprendizagem, sem dúvida uma instituição de grande prestígio.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Glória Jollunski, pela forma inextinguível como orientou o meu trabalho, pelas suas dadas recomendações sempre dadas com pronta cordialidade e grande estímulo.

Estou-lhe particularmente grato pela liberdade de expressão que me permitiu e que foi decisiva para que este projeto contribuisse para o meu desenvolvimento pessoal.

Deixo também uma palavra de justo reconhecimento e agradecimento, aos meus colegas de profissão particularmente aos elementos do Posto Territorial da G.N.R. de Ponte da Barca e de Melgaço, pela paciência e companheirismo ao longo de todo o meu percurso académico.

A todos os professores do 1º Ciclo de estudos em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa pela forma como lecionaram as respetivas matérias, estimulando-me, intelectual e emocionalmente, na procura da Excelência.

Um agradecimento em geral a todos os meus colegas de turma na Universidade Fernando Pessoa que fizeram parte deste triénio académico e em especial à Anabela Oliveira, ao José Pinheiro, ao Orlando Freitas e ao Pedro Santos, pela troca e partilha de saberes, pela tranquilidade transmitida nos meus momentos de aflição e também pelos momentos de diversão que juntos partilhamos, certamente amigos para a vida.

## **Índice**

Introdução.....	12
I-Enquadramento teórico	
1.1 Internet: definição e caracterização do fenómeno.....	15
1.1.1 As redes sociais.....	17
1.1.2 Facebook .....	21
1.2 Os menores enquanto utilizadores da internet.....	25
1.2.1 Fatores de risco associados à utilização das redes sociais.....	30
1.2.2 Caracterização dos crimes praticados contra menores.....	33
1.2.3 CyberBullying.....	35
1.2.4 CyberStalking.....	38
1.2.5 Sexting.....	40
II – Estudo Empírico	
2.1 Objetivos do estudo.....	43
2.2 Descrição da metodologia aplicada.....	44
2.3 Amostra/ Participantes.....	45
2.5 Procedimentos.....	46
2.6 Análise e discussão dos resultados.....	47
Conclusão.....	49
Referências bibliográficas.....	51
Anexos.....	52



## **Siglas**

RS- Redes Sociais

TIC- Tecnologias da informação e comunicação

CB- Cyberbullying

CS- CyberStalking

CP- Código Penal

CPP- Código Processo Penal

CC- Código Civil

## **Índice de Anexos**

Anexo I .....	53
Anexo II.....	54
Anexo III.....	55
Anexo IV.....	56
Anexo V.....	57





## **Introdução**

O presente estudo surgiu no âmbito da Licenciatura em Criminologia, e sobretudo pela observância do incremento das novas tecnologias da comunicação, nomeadamente a internet e as redes sociais online. Estas vistas como elementos fundamentais de desenvolvimento de uma sociedade em constante mutação, têm um papel fundamental na formação social dos indivíduos.

Desde tenra idade que o ser social adquire hábitos e formas de comunicação, e, naturalmente com o surgimento da internet e a sua rápida evolução para uma sociedade digitalizada, a integração em redes sociais que se disseminam no mundo virtual é tida como um processo de socialização por parte de um público cada vez mais jovem.

Para a Criminologia, enquanto ciência empírica e interdisciplinar, é essencial observar os fenómenos associados ao que se pode enquadrar no âmbito criminal, e dessa forma é possível aferir que no seguimento deste desenvolvimento da era digital poderão estar associados alguns riscos na utilização das redes sociais por aqueles que mais vulneráveis são, os menores.

O estudo é então centrado no desenvolvimento da internet, efetuando-se uma análise histórica ao “motor” que desencadeou esta espiral de crescimento tecnológico, a internet. De seguida, e vista como uma consequência natural, são analisadas as redes sociais, a forma como se conseguiram instalar, o seu funcionamento, a sua interação com os utilizadores, a confidencialidade das informações pessoais do perfil dos seus usuários e a sua articulação na sociedade. Desta forma, será analisada a rede social online denominada de *Facebook* por ser aquela que reúne o maior número de utilizadores a nível mundial, sendo assim um indicador fiável no que diz respeito à observância das redes sociais.

Na análise efetuada sobre quais os maiores riscos que estão relacionados com os menores, foi possível verificar que o Cyberbullying, CyberStalking e o Sexting, apresentam-se como aqueles que possuem maior prevalência, e nesse sentido, foram caracterizados individualmente sobre o seu surgimento, o seu impacto psicológico tanto nas vítimas como nos agressores, assim como o seu enquadramento criminal.

Adiante é apresentada a metodologia projetada para este estudo, sendo composta pela realização de inquéritos por questionário que serão aplicados em duas escolas situadas em realidades distintas, uma numa cidade com elevada densidade populacional e outra numa vila com baixos índices de população, com amostras retiradas de 2 turmas por cada ano letivo , do 5º ao 12º ano por serem os graus letivos que abrangem a faixa etária dos 10 ao 17 anos de idade, para assim se aferir qual a prevalência dos fenómenos associados à utilização das redes sociais, bem como avaliar a necessidade de uma intervenção ou divulgação de informação sobre esta temática.

## Parte I - Enquadramento Teórico

### 1.1. Internet: definição e caracterização do fenómeno

“A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.” Castells (2003, p.287)

O termo internet surge durante o período da Guerra Fria, no ano de 1969, com a finalidade de contrariar a possibilidade dos Estados Unidos da América ficarem impedidos de se defenderem perante um ataque soviético ao Pentágono. O engenheiro Paul Baran, da RAND Corporation (instituição sem fins lucrativos que tinha como finalidade a realização de pesquisas que contribuam para a tomada de decisões e a implementação de políticas no sector público e privado) propôs-se a criar um sistema de comunicação que resistisse a um ataque nuclear (Cardoso, 2003, pp. 17). O sistema projetado resultou na ARPANET (Advanced Research Projects Agency Network), esta rede militar, entre 1983 e 1995 foi evoluindo sendo substituída progressivamente pela criação da Internet (Cardoso,2003,pp. 19). Os investigadores envolvidos no projeto continuaram a explorar as potencialidades da rede dedicando-se a desenvolver novas utilizações, tais como as mensagens eletrónicas que até então eram praticamente exclusivas de investigadores científicos e universitários.

Já nos finais da década de 80 e início dos anos 90, aliada à generalização do computador pessoal surge a invenção da World Wide Web<sup>1</sup> ( WWW) ( Cardoso,2003, pp.22)

A internet foi assim sendo cada vez mais utilizada, tendo o seu “boom” principalmente aquando da sua privatização nos E.U.A..

A história indica-nos que nenhum outro meio de comunicação se propagou tão rápido como a internet, já que em 1995 existiam aproximadamente 16 milhões de utilizadores,

---

<sup>1</sup> WWW- World Wide Web, a tradução literal deste conceito é uma autêntica “ teia do tamanho do mundo”, que permite estabelecer ligações entre palavras, textos, som e imagem (Cardoso, 2003, p.22) utilizando para isso várias plataformas que estão disponíveis na internet.

e em 2003 esse mesmo número de utilizadores rondava os 650 milhões.(Cardoso et. Al., 2005, pp. 81-82)

Assistiu-se assim a uma certa globalização que transformou o mundo numa autêntica ‘aldeia global’: conceito este criado na década de 60 exemplificando da melhor forma a ideia de globalização onde traduz uma visão do mundo através daquilo que foi o desenvolvimento das tecnologias de informação. O incremento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) originaram mais oportunidades e conseqüentemente mais desigualdades, na era da globalização o desenvolvimento das TIC possibilitaram e potencializaram uma instantaneidade das trocas culturais e simbólicas, das relações sociais, das interações sociais, passando estas a ter um carácter mais direto. (Santos, 1994)

Desta forma observa-se que a introdução das TIC contribuiu bastante para o crescimento da densidade comunicacional sendo desse modo a sociedade cada vez mais relacional através da globalização, mesmo que os seus membros não as usem massivamente. Melo (2002) refere que na era da globalização, o local e o global não se opõem, sendo que o global é local e o local é global, dentro da perspectiva de que existe uma infinidade de informações disponíveis num curto espaço de tempo, possibilitando assim o seu acesso e partilha.

Cardoso (2003,pp. 49) indica que a internet em virtude da sua auto difusão e apropriação social constitui uma tecnologia que consegue convergir e interagir com todas as outras formas de comunicação, sendo a internet nas palavras do autor

“um mass media e ao mesmo tempo um meio de comunicação interpessoal, as duas dinâmicas encontram-se presentes, em simultâneo” (Cardoso, 2003,pp.49).

Segundo o mesmo autor, a análise efetuada sobre as perspectivas de relação entre a internet e sociedade, indicam-nos a inexistência de uma perspectiva unidimensional sobre essa realidade. A experiência de vida e os seus interesses é a interpretação que cada indivíduo faz da sua realidade, nesse sentido as perspectivas de relação entre sociedade e internet divergem de utilizador para utilizador. Desse modo a internet é o

“uso que fazemos dela , como a Internet muda a sociedade e como a sociedade, e nós, a transformamos também.” (Cardoso, 2003, pp. 183)

O aparecimento da internet trouxe inúmeras mudanças para a sociedade em geral, pois facilitou o acesso a milhões de informações vertidas em catadupa, a transferência e partilha instantânea de dados informáticos, e sobretudo possibilitou a transmissão de comunicações de uma rede para a outra.

É importante, pois, destacar que a mudança mais expressiva está relacionada com a facilidade de expressão e sociabilização por meio de ferramentas de comunicação, como é o caso das redes sociais.

### **1.1.1 As Redes Sociais**

O conceito de rede social foi sempre conotado como o resultado das ligações interpessoais que se estabelecem entre os indivíduos (Song,2015), quer no plano das amizades, nos seus interesses ou ideias em comum quer a nível cultural e simbólico.

Manuel Castells (2005) propõe o conceito de sociedade em rede, considera o autor que a base central de todas as sociedades historicamente conhecidas foram o conhecimento e a informação.

Os membros das sociedades, ou seja, os indivíduos que as compõe estão nelas inseridas através das relações que desenvolvem entre si durante todo o seu tempo enquanto ser social, como é o caso da família, amigos, colegas da escola e do trabalho, o grupo do futebol, etc. Está intrínseco à condição humana a ligação a outros seres humanos e estruturas sociais, sendo assim naturalmente considerada uma sociedade mantida em rede.

Desta forma é de todo importante compreender o termo de sociedade em rede, sendo necessário definir o que significa cada conceito: “ A sociedade é um conjunto de indivíduos que partilham uma cultura com as suas maneiras de estar na vida e os seus fins, e que interagem entre si para formar uma comunidade.”<sup>2</sup> Já o termo rede , “proveniente do Latim “rete” , é usado para definir uma estrutura que tem um padrão característico. Existem múltiplos tipos de rede, nomeadamente a rede informática, a

---

<sup>2</sup> <http://conceito.de/sociedade>

rede elétrica e a rede social”<sup>3</sup>, sendo que “o termo genérico rede define um conjunto de entidades (objetos, pessoas, etc.) interligados uns aos outros. Assim sendo, uma rede permite circular elementos materiais ou imateriais entre cada uma destas entidades, de acordo com regras bem definidas.”<sup>4</sup>

Segundo Castells (2005), as redes são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos. O mesmo autor refere que as redes evoluem, acrescentando e removendo pontos de ligação à medida que as alterações que a sua programação consegue ou não atingir os objetivos de performance para a rede.

“A comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade implica.” (Castells 2005, pp. 17)

Tendo em consideração que a sociedade em rede é disseminada por grande parte do mundo, falar em globalização pode ser outra forma de nos referirmos à sociedade em rede na medida em que a difusão ocorre por meio do poder integrado nas redes globais de capitais, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia (Castells 2005), mas apesar de a sociedade em rede se difundir pelo mundo, esta não abrange todas as pessoas, nem todas as atividades ou regiões acompanham a sua lógica organizacional.

Assim, verifica-se que é através do reconhecimento histórico do mundo em que vivemos que podemos identificar os meios através dos quais determinadas sociedades em determinados contextos poderão atingir os seus objetivos e realizar os seus valores, usando para isso as novas oportunidades geradas pela mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade, a internet, sendo esta capaz de transformar as nossas capacidades de comunicação, que permite a alteração dos nossos códigos de vida, que nos fornece as ferramentas para realmente controlarmos as nossas próprias condições,

---

<sup>3</sup> <http://conceito.de/rede>

<sup>4</sup> <http://br.ccm.net/contents/254-o-conceito-de-rede>

com todo o seu potencial destrutivo e todas as implicações da sua capacidade criativa. (Castells 2005,pp. 19)

Contudo, o desaparecimento da interação face a face e o isolamento dos indivíduos no decorrer crescente do uso do computador, é uma característica importante da sociedade em rede, já que esta também se manifesta na transformação da sociabilidade. No entanto através de estudos efetuados em diferentes sociedades a maior parte das vezes, os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interações, face a face, em todos os domínios das suas vidas. (Castells 2005,pp. 23)

Nos dias de hoje as pessoas já incluem as novas tecnologias nas suas vidas, estabelecendo a ligação entre a virtualidade real e a realidade virtual, articulando as várias formas de comunicação conforme as suas necessidades. A lógica das redes de comunicação é que orienta as mudanças na sociabilidade dos indivíduos, concluindo-se que esta não advém da utilização apenas e por si só da internet ou das tecnologias de informação.

Segundo Castells (2005,pp.23) a evolução histórica a par do individualismo em rede, enquanto estruturas sociais, emergem como culturas dominantes das sociedades modernas, sendo que a forma de construir sociedades em rede de comunicação auto seletivas são moldadas pelas novas tecnologias, ligadas ou desligadas dependendo das necessidades ou disposições de cada individuo. Assim, a sociedade em rede é a sociedade de indivíduos ligados em rede.

É importante verificar que as redes sociais não surgiram apenas com a tecnologia, sempre existiram. A sociedade está subdividida em grupos sociais que partilham interesses comuns. (Monteiro, T. 2016, pp.19)

No entanto, com a própria revolução tecnológica a que fomos assistindo nos últimos anos, fez com que o termo rede social fosse conotado à relação existente entre os indivíduos e o ambiente virtual. A construção de redes online está diretamente relacionada com a massificação da web, o crescente uso da internet é tido como hábito rotineiro do dia-a-dia da maior parte da população mundial. Esta nova forma de comunicação que conta cada vez com mais utilizadores é hoje em dia denominada de

rede social. Historicamente, a criação das redes sociais como são hoje conhecidas, remonta ao ano de 1997, inicialmente como uma simples ferramenta que permitia aos seus usuários uma criação de perfil, partilha de conexões e visualização de perfis alheios, evoluiu posteriormente para uma ferramenta multifacetada utilizada tanto a nível individual como a nível empresarial (Melanthiou et. Al, 2015) são assim vistas como o instrumento ideal para a comunicação e partilha de informação entre os vários utilizadores, sendo inclusivamente utilizadas por várias marcas com a finalidade de interagirem mais facilmente com os seus consumidores.

Na última década assistiu-se a um verdadeiro fenómeno no que diz respeito á propagação de redes sociais, *Facebook, Twitter, Snapchat, Blogues, instant messengers*, plataformas de sharing como o *Youtube* são visitados diariamente por milhões de utilizadores, em número correspondentes a 2/3 da população mundial. (Monteiro,T. 2016,pp.19).

Nikolaou (2014, pp. 32) refere que as redes sociais online são consideradas como os sítios mais populares no mundo virtual, não só por permitirem uma nova plataforma de socialização mas também porque englobam uma janela de oportunidade para efetuar negócios. As interações humanas são o foco destas plataformas online, o seu alcance e globalidade movidos por um motor chamado de internet a par de uma arquitetura projetada para suportar essas interações, dão origem a uma complexa rede de comunicação e novas práticas sociais.

Neste *continnum* social, observa-se um complexo labirinto de redes de conexões que ligam vários utilizadores entre si onde partilham ideias, perceções, informações e crenças, num vasto sistema comunicacional em tempo real. A ampla rede ou comunidade online é formada pelas múltiplas relações interdependentes, pelas pessoas que a compõem, por eventos e lugares, estando tudo conectado entre si.(Garcia et alli, 2016)

O conceito de Rede social online ou virtual, é descrito por Boyd e Ellison (2008) como um serviço online que permite aos utilizadores a criação de um perfil público ou semi-público inseridos num sistema com limites definidos, os utilizadores articulam-se entre si através de partilhas de conexão e contactos, e finalmente é dado o acesso á própria lista de contacto e conexões. As mensagens rápidas e os e-mails são também

caracterizadores do contacto que as redes sociais permitem aos seus utilizadores, depois da criação de um perfil pessoal.

Esta nova forma de comunicação, utilizada através das demais aplicações de redes sociais, revolucionou e construiu uma recente forma de estabelecer e ou manter relacionamentos sociais.

Para este projeto de graduação, tendo em conta um importante número de utilizadores e o seu principal público, os adolescentes e menores, interessa abordar uma rede social como o *Facebook*, podendo esta rede constituir-se também como instrumento e ou ferramenta inovadora na construção de novas aprendizagens.

### **1.1.2 Facebook**

A rede social *Facebook* foi lançada em 2004 pelo seu mentor Mark Zuckerberg a partir do seu dormitório na Universidade de Harvard, criada para que a comunidade estudantil pudesse comunicar entre si conforme o fazia pessoalmente.

Mais tarde o *Facebook* é alargado a outras universidades como Stanford, Columbia e Yale, passando a contabilizar no final desse ano, aproximadamente um milhão de utilizadores.<sup>5</sup>

O *Facebook* é neste momento a rede social com mais utilizadores a interagirem em todo o mundo. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos, é um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre os menores, adolescentes e comunidade estudantil. Esta rede social proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode aceder a informação específica ou realizar determinadas ações. O *Facebook* em pouco tempo transformou-se não apenas num canal de comunicação e local destinado a pessoas interessadas em procura, partilha ou aprendizagem sobre determinado tema, mas também um meio de oportunidades que surgem a cada dia.

---

<sup>5</sup> A história do Facebook, consultado em [www.facebook.com](http://www.facebook.com) em 28/06/2017.

Cardoso e Lamy (2011) explicam que a comunicação é a principal motivação para o uso da internet, pois a comunicação é essencial a todas as estruturas sociais. O uso do *Facebook* permite a criação de um perfil, que naturalmente constitui a base da interação social, este perfil permite ao utilizador fornecer vários tipos de informação pessoal como é o caso do seu nome, da sua idade, estado civil, opções políticas, ideológicas, entre muitas outras. No entanto há também a possibilidade de optar pela manutenção da privacidade, permitindo, assim, o utilizador estar protegido. Contudo, e não menos importante, é o facto de também ser possível camuflar a própria identidade através do anonimato, utilizando *nicknames*<sup>6</sup>, não colocar fotografias ou partilhar outras que não as pessoais, assim como não fornecer elementos que levem á sua identificação. Não sendo estas as opções mais comuns são possibilidades reais para quem não se quer expor demasiado. (Cardoso e Lamy, 2011,pp. 80).

É também possível, no *Facebook*, publicar conteúdos acessíveis a todos os nossos contactos e estes poderão comentar, tendo também a possibilidade de os partilhar, expandindo assim os conteúdos numa lógica de partilha consentida pelos utilizadores, ou seja, como referem Cardoso e Lamy:

“O Facebook assume-se assim como comunicação mediada de um para muitos, pois cada utilizador sabe quem são os seus amigos, pois autoriza a sua amizade. Só após a aceitação do próprio pode ele começar a ser amigo de quem o convida” (2011,pp. 80).

Quando acedemos à página inicial desta rede social, podemos ler “ O *Facebook* ajuda-te a comunicar e a partilhar com as pessoas que fazem parte da tua vida, sendo “partilhar” a palavra-chave que define bem esta rede social.

Observa-se então que o *Facebook* é um dos maiores repositórios de fotografias online, uma vez que esta rede social faz circular essencialmente imagens, e estas são, sem dúvida, uma das mais importantes matérias-primas dos trabalhos de construção, afirmação, gestão e negociação identitária, segundo Alexandre Melo (2002, pp.60),o autor destaca ainda o facto de vivermos atualmente num mundo de imagens, onde estamos permanentemente envolvidos pelo movimento e dentro do movimento de uma infinidade de imagens com origens e destinos divergentes, entre as quais se incluem cada um de nós, ou o nós de cada um. Afirmando ainda que as imagens são produzidas,

---

<sup>6</sup> Nickname- Apelido. Usado para identificação de usuários na internet. Pesquisado em <http://www.dicionarioinformal.com.br/nickname/> em 28/06/2016

concebidas e colocadas numa corrente circular, dando forma aos nossos modos de imaginar, produzir, conceber e ser. Ao ponto do “ser” se poder definir como a capacidade de conceber, produzir e pôr a circular uma imagem de si próprio, ou várias imagens de si próprio, de acordo com as variações das circunstâncias.

Deste modo a plataforma *Facebook* propõe uma identidade, mas não pode propor um corpo físico, sendo que cada usuário tem uma fotografia e tem um perfil, pode até estabelecer uma chamada vídeo, mas mantém-se a necessidade de aferir se a presença do outro se torna real ou permanece virtual. Perante esta situação deve ter-se presente que a aplicação da chamada de voz não é das mais usadas, ou seja, os usuários tendem a preferir a utilização da palavra através escrita, pelo “*post*” de fotografias ou de ícones, e raramente recorrendo à voz que corporaliza o diálogo ao conferir-lhe a sonoridade que chama a presença física. Assim, se a fotografia de perfil pode conferir um rosto à caracterização do perfil criado por um utilizador, se as fotografias postadas ou a escrita pretenderem adequar-se e legitimar os dados identificativos, na verdade, a voz teria sempre maior eficácia na confirmação da veracidade de quem (ou do que) o outro diz ser.

“O Facebook transpõe para o mundo online a situação do ato de fala do mundo offline. No Facebook, estabeleço diálogo com o outro ou outros, mas aqui, proponho-me o diálogo com identidades sem corpo” (Marwick, 2013).

Vejamos que o diálogo no mundo “offline” pressupõe a presença física, ou seja, o diálogo pressupõe um eu que se dirige a um outro que retorna na alocação como um outro eu. No mundo virtual e online do Facebook, surge a questão: que eu se dirige a que outro? Ou por outras palavras, o ato de falar produzido no *Facebook* terá a mesma importância na construção da identidade que os atos de fala produzidos no mundo offline? (Zhao et. Alli, 2013)

O diálogo online do Facebook é construído pelos atos da fala, e assim sendo, continua a existir a construção de uma identidade, pois na verdade existe um “eu” que diz “eu”. É imperativo estabelecer assim um ponto de comparação entre o binómio offline-real/online- virtual, impondo-se a distinção: no mundo offline está-se, tendencialmente, na presença física dos sujeitos que estabelecem o diálogo, no mundo online, está-se face a identidades criadas, mas na presença virtual.

A presença virtual das identidades distingue-se, ainda, das presenças reais, dado que no *Facebook*, nem sempre o “eu” se dirige a um “tu”. No *Facebook*, a consciência daquele que diz “eu” por contraposição ao outro, torna-se virtual, na medida em que virtualmente pode ser qualquer “tu” que se reporta no diálogo.

Esta rede social está vocacionada para manter o contacto entre os seus utilizadores, assim, está produzida tendo em vista enfatizar o presente, beneficiando os conteúdos mais recentes e fazendo recuar, no *feed* de notícias, conteúdos menos atuais. Zaho et Alli (2013) referem que, mesmo que as inscrições, os *posts*, que alguém inscreve, no seu perfil de Facebook, sejam pensadas como reportando-se a um presente, essa inscrição não implica a sincronia presente num diálogo *offline* (real). No mundo real, “eu” falo para um “tu” que me responde sincronicamente ao meu ato de comunicação, já no *Facebook*, no mundo *online* (virtual), estabeleço diálogos que sendo assíncronos podem, virtualmente, acontecer em qualquer tempo e em qualquer lugar. No mundo *offline*, real, o “eu” dirige-se a um “tu” que retornará na alocação, seja ela falada (linguística) ou para-linguística, por mímica, gestos, atitudes ou mesmo pelo simbolismo do silêncio. No *Facebook*, o comentário, a partilha ou o *like* podem não compartilhar a temporalidade do que é inscrito supondo esse feedback. Outra diferença que se regista é a impossibilidade de aferir o feedback recebido, no mundo real, os sinais para-linguísticos permitem ao “eu” conferir a resposta recebida, no mundo online, todos os comentários podem ser virtualmente verdadeiros ou falsos, todas as partilhas podem ser, virtualmente, feitas com uma compreensão diferente da desejada, todos os *likes* podem, virtualmente, não ser *likes*: ou porque o *Facebook* não comporta a carga negativa de um ícone para não-*like*, ou porque não há como avaliar a intencionalidade do retorno recebido ou da sua veracidade porque, tal como não pode um “eu” assegurar-se da veracidade da resposta, também não pode assegurar-se da veracidade do “tu” a quem se dirige. (Zhao et. Alli, 2013)

No *Facebook* criam-se perfis falsos ou, em alternativa, personagens, pelo que o utilizador interage com o que alguém diz ser. A plataforma não reconhece a verdadeira identidade dos perfis, receciona-os e alberga-os a troco das informações e dados que cada perfil lhe fornece e que o *Facebook* se disponibiliza a partilhar.

Neste sentido reveste-se de especial importância analisar a utilização das redes sociais pelos menores/adolescentes tendo em conta a sua menor capacidade para distinguir a relação do verdadeiro e do falso.

## 1.2 Os menores/adolescentes enquanto utilizadores das redes sociais

Existem variadas perspetivas para esclarecer as razões porque é que as redes sociais são usadas pelos menores/adolescentes. Segundo Clarke (2009), a amizade é bastante importante para os adolescentes, manter contacto com velhos amigos e falar *online* ajuda a instituir a identidade. O uso das redes sociais é uma importante fonte de conforto e apoio ao jovem adolescente que está numa fase de transição, quer física, quer cognitiva ou até, por exemplo, por razões de mudança de escola. Afigura-se que nesta era digital as crianças podem ser “amigos para sempre”. Por outro lado, Boyd (2007) elucida o papel que as redes sociais como o *Facebook* e o *MySpace* desempenham junto dos jovens dos EUA, na maioria das situações, os adolescentes americanos usam estas redes sociais para obter informações sobre os seus cantores favoritos que têm perfis nessas mesmas redes sociais e, por outro lado, fazer *downloads* de música para poderem ouvi-la gratuitamente.

Greenhow e Robelia (2009), referem que desde o princípio das redes sociais no final da década de 1990, estas têm atraído milhões de utilizadores, existem vários relatórios recentes que sugerem que a maioria dos adolescentes que estão *online* (55%), nos EUA, criou um perfil pessoal num site de redes sociais como o *MySpace* ou o *Facebook*. Estes mesmos autores referem ainda que o facto de os adolescentes visitarem a sua página todos os dias faz com que dediquem em média cerca de 9 horas por semana às mesmas, este mesmo estudo revelou ainda que quando os adolescentes não podem estar presentes fisicamente, porque estão a trabalhar em part-time ou a exercer outra atividade, estes mantêm-se nas redes sociais para compensar o facto de não poderem estar presentes fisicamente.

Segundo um estudo efetuado por Samsudin (2009) o aumento na utilização das redes sociais tem um grande impacto nos adolescentes, pelo que algumas destas redes sociais estão a limitar a idade mínima para inscrição nas mesmas, sendo que a idade mínima para novos utilizadores situa-se nos 13 anos.

Neste mesmo estudo é referido que as redes sociais apresentam diversos perigos para os adolescentes com idades compreendidas entre 13 e os 15 anos, muito devido à tendência destes em aceitar qualquer indivíduo para ser seu amigo *online*, é também referido que as redes sociais mais utilizadas pelos adolescentes são o *Facebook*, o *Friendster*, o *Twitter* e o *MySpace*, sendo estas de igual forma bastante populares entre os adultos, o que leva a que jovens de tenra idade também estejam a criar as suas próprias contas de utilizador.

No caso Europeu e de acordo com a EU Kid Online (2014), onde é apresentado o ranking das redes sociais mais utilizadas, o *Facebook* é a rede social que aparece em primeiro lugar, seguida pelo *MySpace*, *Bebo*, *Friendster*, *hi5*, *Orkut*, *PerfSpot*, *Zorpia*, *Netlog* e a última que aparece no Top 10 é o *Habbo*.

A tabela que se segue lista o Top10 das redes sociais que são mais usadas em todo o mundo, bem como a idade mínima permitida para poder ter um perfil.

**Tabela 1.** Ranking das redes sociais mais utilizadas e idade mínima para obtenção de perfil

Rank	Rede Social	Idade mínima para perfil
1	Facebook	13
2	MySpace	14
3	Bebo	13
4	Friendster	16
5	hi5	13
6	Orkut	18
7	PerfSpot	13
8	Zorpia	16
9	Netlog	13
10	Habbo	13

Fonte: EU Kinds Online (2010)

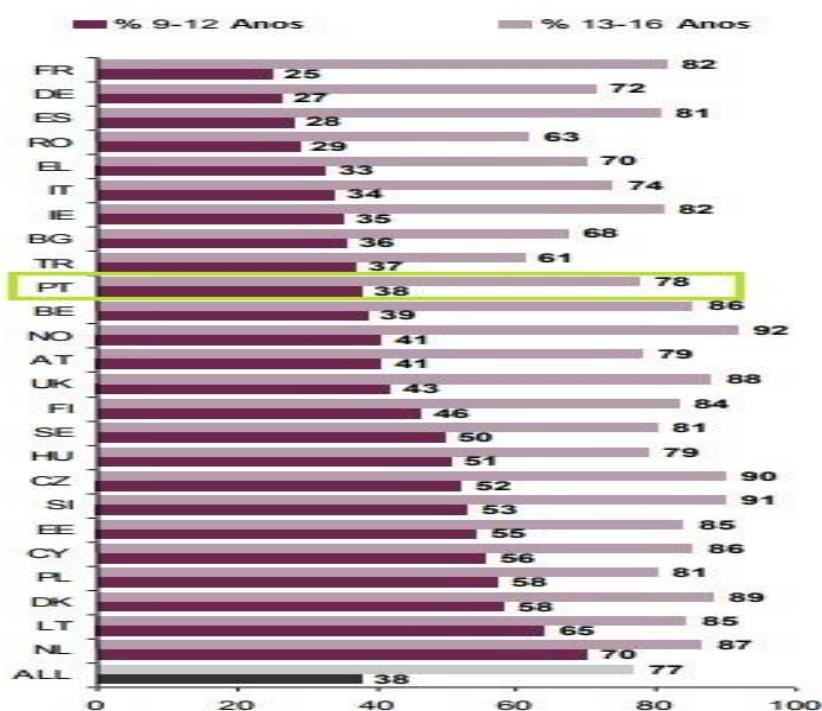
No estudo efetuado pela EU Kids Online<sup>7</sup>, 2010, em 25 países europeus direcionado a crianças com idades situadas entre os 9 e os 16 anos, revelou que 93% das crianças acedem à internet pelo menos uma vez por semana, e 59% têm um perfil numa rede social. Estes dados revelam também que as redes sociais são mais populares em países como a Holanda (80%), Lituânia (76%) e Dinamarca (75%), e menos populares na Alemanha (51%), Turquia (49%) e Roménia (46%); no caso de Portugal esse valor é de 59%, encontrando-se no 16.º lugar de entre os 25 países pertencentes ao estudo.

Como se pode observar na tabela 2., em Portugal 78% dos adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos usam redes sociais sendo que 38% das crianças que têm entre 9 e 12 anos também as usam, verificando-se que estes valores igualam precisamente a média de todos os países alvos de estudo. Já países como a Noruega com 92% na faixa etária dos 13-16 e 41% entre os 9-12, e a Eslovénia com 91% dos 13-16 e 53% dos 9-12, apresentam-se como sendo os que têm a taxa de utilização mais elevada, verificando-se uma aproximação quase total na linha etária dos 13 aos 16 anos de idade.

---

<sup>7</sup> **EU Kids Online**- Financiada pelo *Programa Safer Internet Plus*, da Comissão Europeia, é uma rede temática que tem como objetivo identificar, comparar e tirar conclusões das pesquisas, efetuadas e a decorrer na Europa, desde 2006, sobre crianças e novas tecnologias, pesquisado em [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net)

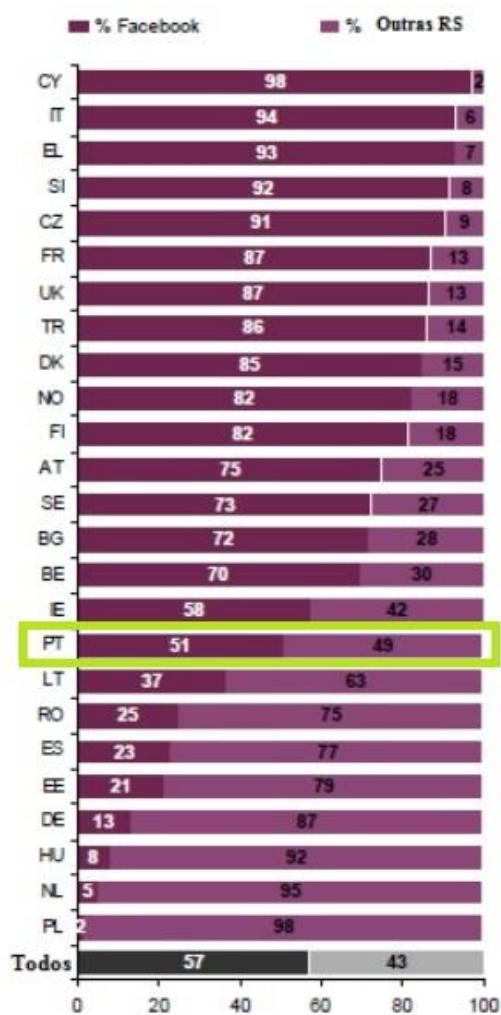
**Tabela 2.** Menores que utilizam as redes sociais por país (Europa)



Fonte: EU Kids Online (2010)

Na prossecução do estudo realizado, o EU Kids Online, debruçou-se também pela análise à utilização da rede social *Facebook*, por esta ser a que possui mais utilizadores a nível mundial, em relação às restantes redes sociais, sendo de igual forma comparados os resultados pela taxa da sua utilização por país analisado. Desta forma é verificado que o *Facebook* é claramente a rede social mais utilizada na maioria dos países, em Portugal é verificado que 51% dos menores/adolescentes utiliza esta rede social contra 49% distribuídos por outras redes sociais. Nos polos encontram-se o Chipre como tendo 98% das crianças e jovens utilizadores do *Facebook* cifrando-se as outras redes sociais em apenas 2%, e a Polónia invertendo a tendência com 2% de utilizadores do *Facebook* para 98% de outras redes sociais.

**Tabela 3.** Crianças utilizadoras do Facebook e outras Redes Sociais por país.



Fonte: EU Kids Online (2010)

Verifica-se então que de acordo com o estudo atrás referido pode dizer-se que as redes sociais online são um autêntico fenómeno cuja presença e relevância na atualidade é difícil negar. Os adolescentes dos nossos dias estão direcionados para as novas tecnologias, algo inimaginável há duas décadas atrás. Para eles, hoje, a sua forma de comunicação é tão simples como o ato de carregar num botão. Desta forma, as redes sociais podem ser vistas positivamente por um lado, mas por outro podem serem ferramentas de abuso por parte de indivíduos irresponsáveis. E é neste sentido, que este projeto pretende identificar e caracterizar os riscos associados à utilização das redes sociais, por parte destes menores/adolescentes.

### **1.2.1 Fatores de risco associados à utilização das Redes Sociais**

Como analisado anteriormente, é possível constatar que a internet é sem dúvida uma ferramenta bastante útil quando usada de forma adequada, podendo, no entanto, ser adversa se usada de forma pouco segura, principalmente quando falamos em menores/adolescentes. Neste sentido é importante ter consciência dos riscos associados no uso deste inovador meio comunicacional.

A comunicação virtual é permitida com qualquer pessoa no mundo inteiro que tenha acesso à internet e nesse sentido as crianças podem deparar-se com utilizadores que podem colocar a sua segurança em risco, podendo receber mensagens, imagens violentas ou ofensivas sem que os pais/cuidadores se aperceberem desta situação. (Kerr e Steeves, 2008)

Associadas aos riscos do uso da internet estão as páginas pessoais, muito utilizadas nas Redes Sociais (RS) online, pois representam um grande perigo para as crianças, não só pela comunicação que os jovens têm com estranhos mas também porque são depositadas nestas páginas muitas informações pessoais como a idade, a data de nascimento, o nome próprio, a sua localização, a sua escola entre outras informações mais detalhadas. A propagação destes dados pessoais permite que se faça o seu cruzamento, sendo assim viável obter cada vez mais informação sobre determinada pessoa, pois a informação obtida pode ser perigosamente detalhada.

“O universo online dos pré-adolescentes – crianças com idades entre os 9 e os 14 anos é divertido e fixe. É também um espaço enformado por uma vigilância constante e por uma recolha intensa de informação pessoal da criança.” (Kerr e Steeves, 2008, pp. 229)

Apesar de a maioria das RS possuir opções de privacidade e definir idade mínima para novos utilizadores, esse item de segurança poderá ser facilmente ultrapassado na medida em que qualquer pessoa poderá forjar dados pessoais na criação do perfil, tanto para poder aceder à RS, no caso de crianças, bem como falsear a identidade para tentar invadir a privacidade de outro.

Neste sentido, reveste-se de especial importância entender e definir o conceito de privacidade bem como o seu enquadramento legal. A privacidade é entendida pelos cidadãos como um direito, o “direito a ser deixado em paz”, permitindo-se-lhes assim a sua não perturbação. O direito à privacidade impede a recolha de informações sobre a vida privada do indivíduo (Farinho, 2006).

A Constituição Portuguesa, como pedra basilar da legalidade em Portugal, no seu Capítulo I, do Título II, consagra os Direitos, liberdades e garantias pessoais, entendendo-se que quando alguém protege a sua privacidade, alude-se ao estipulado no nº1 do Artº 26º em que :

“A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal (...) ao bom nome e reputação, à imagem, à reserva da intimidade da vida privada e familiar (...)” ( Constituição da República Portuguesa, atualizada pela Lei nº1/2005, de 12/08<sup>8</sup>)

Já o Código Civil indica-nos que “ a lei protege os indivíduos contra qualquer ofensa ilícita ou ameaça de ofensa à sua personalidade física ou moral”. (nº1 Artº 70º do Código Civil Português<sup>9</sup>)

Assim, fazendo a ponte para o mundo online, é verificado que no geral os utilizadores compreendem a sua privacidade nas RS, como a sua “vida privada”, sendo que todas as ações que atentem à proteção da reserva da intimidade e da vida privada são vistas como uma ameaça à legalidade.( Castro, 2005, p.22)

Debrucemo-nos sobre a rede social *Facebook* que no âmbito da difusão de dados pessoais é vista como uma ameaça à privacidade, esta pode ser especificamente mais grave sobretudo quando se manifesta sobre crianças. A verdade é que o *Facebook* e sua utilização massiva coloca questões que se relacionam com a vigilância e a privacidade dos utilizadores.

Raab (2008) refere que a vigilância e a privacidade necessitam de regulação, isto é, carece de regras que estabeleçam controlos e limites. Uma grande parte dos instrumentos de controlo que dizem respeito aos dados pessoais foi desenvolvida no contexto de proteção desses mesmos dados e tem por objetivo a salvaguarda da

---

<sup>8</sup>- Constituição da República Portuguesa – pesquisado em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> a 13/07/2017

<sup>9</sup>- Código Civil Português – pesquisado em [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=775&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=775&tabela=leis) a 13/07/2017

privacidade. A proteção da privacidade é tida como um problema no que diz respeito a certas aplicações e a certas tecnologias, particularmente as atividades que são realizadas em ambiente online, na medida em que os mecanismos de controlo convencionais encontram algumas dificuldades em gerir estas atividades. A proteção da privacidade funciona como defesa contra os efeitos indesejáveis da vigilância, porém, os sistemas de proteção de privacidade muitas vezes são fracos e ineficazes. (Raab, 2008) Sendo ainda muitas das vezes, como é o caso do *Facebook*, não tão lucrativos, tendo em conta uma visão capitalista da rede social virtual.

É de todo pertinente e necessário entender que o negócio e a lógica de mercado também se alterou com o surgimento das RS, pois estas são vistas como mecanismos de produção de lucro para grandes marcas, tendo este facto uma implicação direta na preservação da privacidade. Fuchs (2011), indica que o sujeito é um *prosumer*<sup>10</sup>, pois produz conteúdos que geram conhecimento rentável, funcionando como mão-de-obra não paga, na medida em que na “troca” apenas recebe o acesso à plataforma.

“na sua maioria, as pessoas não sabem ou não compreendem o que é que acontece (ou pode acontecer) à sua informação pessoal – o que é que está a ser recolhido, processado, selecionado, comunicado, e por aí fora – e normalmente não se preocupam com esse tipo de coisas” (Raab, 2008, pp. 255).

O Facebook é uma RS de visibilidade e exposição, sendo desta forma uma ferramenta útil para possibilitar conhecimento com outras pessoas, não sendo acautelado por parte de muitos utilizadores a perceção de que a colocação de certos dados é delicada. A discrição nos dias de hoje tem uma aplicação pouco presente quando analisamos as redes sociais *online*, muitos dos utilizadores têm tendência para se expor demasiado, no *Facebook* é importante que os utilizadores tenham consciência do que estão a expor, pois a partir do momento em que as informações são disponibilizadas e são conhecidas já não podem ser desconhecidas, ou seja, a partir do momento em que são tornadas públicas, passam a ser tratadas como tal.

É fundamental reter a ideia de que a criação de mecanismos de regulação é importantíssimo, sendo ainda imprescindível disponibilizar informação daquilo que é a utilização devida e indevida das redes e dos nossos dados pessoais. O alerta para os usos

---

<sup>10</sup> - *prosumer* – neologismo que provém da junção de produtor + consumidor ou profissional + consumidor, pesquisado em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Prosumer> a 14/07/2017

indevidos deve ser principalmente direcionado para os mais jovens que constituem uma geração mais vulnerável, sendo também os que mais utilizam as redes sociais e, naturalmente, os que mais se expõem.

Castro (2005) refere que as garantias que poderão funcionar a favor da sua privacidade dependem em grande parte da consciência, da sensibilidade, da informação e dos conhecimentos que o utilizador disponibiliza.

### **1.2.1.1 Riscos específicos para os menores/adolescentes**

“Poucos consideram que as redes sociais mudaram de um modo dramático as vidas das crianças e dos jovens, mas os seus traços específicos parecem facilitar realmente mudanças na quantidade, e possivelmente qualidade, da comunicação: aqui se incluem a facilidade, a velocidade e a conveniência do acesso em larga escala e a distribuição de conteúdos, a conexão numa rede quase global, a permanência de conteúdos no tempo e o poderem ser localizados, a facilidade em reproduzir, reorganizar e manipular conteúdos, e as definições para gerir as condições de privacidade, anonimato e permuta.” (Ponte et. Alli, 2012,pp. 157)

Os menores, crianças e adolescentes aderem cada vez mais às RS “tirando partido de novas oportunidades para a sua apresentação pessoal, aprendizagem, construção de um círculo alargado de relações e gestão da sua privacidade e intimidade.” (Ponte et. Alli, 2012,pp.155)

Os autores defendem que o facto de os jovens estarem a aderir cada vez mais a estas redes sociais tem evocado preocupações no âmbito de poderem incorrer em novos riscos pessoais, tais como “a perda de privacidade, o bullying, contactos danosos e outros.” (Idem,p.155) Ainda segundo os mesmos autores, as RS na sua grande maioria foram pensadas para jovens e adultos, e embora algumas tenham limite de idade, como é o caso do *Facebook*, outras destinam-se a crianças mais novas.

Funcionando como uma base de dados, é necessário ter cautela na informação pessoal divulgada nestas páginas pelos mais jovens, pois pode ter consequências tanto imediatas como futuras, e.g.: uns anos mais tarde pode ter influência na procura de um emprego, no sentido em que as informações difundidas na internet nunca desaparecem e poderão ser visualizadas pela futura entidade empregadora e esta de acordo com aquilo que são

as concertações sociais pode considerar que aquele perfil não se enquadra com o perfil do profissional que procura. Estas questões são essenciais nos dias de hoje, pois a maioria dos jovens tem como característica uma atitude despreocupada e inconscientemente não equaciona estas situações, não tendo muitos deles a noção de que a sua página de perfil pessoal pode influenciar o seu recrutamento para o mercado de trabalho.

No exemplo abordado, verifica-se que o *Facebook* é uma RS virtual que se caracteriza como sendo a rede social mais popular, sendo também a que mais sucesso obteve até aos dias de hoje em toda a história das redes sociais. É sentida uma enorme atração, por parte das crianças, por esta rede social e muitas delas sentem vontade em proceder ao seu registo na rede, mesmo que se vejam impossibilitadas em razão da idade (no caso 13 anos). Contudo, como referido anteriormente é sempre possível proceder a esse registo pois a rede não consegue detetar se os dados transmitidos são verdadeiros, bastando para isso qualquer criança fornecer outra idade. Assim, nesse sentido, o único método que se avista como impeditivo para a adesão à rede social é apelar à consciência dos pais/educadores para que exerçam um controlo das crianças quando estas estão na internet.

Vejamos que as contas criadas para menores de 13 anos são vistas como ilegais, pois não obedecem às normas de utilização da própria rede social. Muitas vezes são os próprios pais que ajudam a criar os perfis das crianças, e nesse aspeto é importante uma interveniência destes para a alteração do comportamento dos seus filhos.

As RS são hoje um instrumento no processo de socialização dos mais novos, mas não de forma exclusiva, ou seja, a existência destas ferramentas é necessária e estas podem ser bastante úteis, mas têm de ser controladas e articuladas com outras formas de socializar. Cardoso (2010) refere que no âmbito da intitulada “cultura de quarto”<sup>11</sup> são abordadas questões como o uso excessivo que se relaciona com a probabilidade da criança poder ou não correr mais riscos, mas também alcançar mais competências e ter uma maior multiplicidade de utilizações assim como um maior aproveitamento das vantagens da utilização da internet. Pode-se assim presumir que no caso das crianças,

---

<sup>11</sup> Cultura de quarto- Dá-se o nome de cultura de quarto à tendência crescente que empurra os jovens, cada vez mais, para o espaço do seu quarto, pesquisado em [http://www.academia.edu/10612494/A\\_CULTURA\\_DO\\_QUARTO\\_E\\_O\\_USO\\_EXCESSIVO\\_DA\\_INTERNET\\_RESULTADOS\\_NACIONAIS\\_DO\\_INQUERITO\\_EU\\_KIDS\\_ONLINE](http://www.academia.edu/10612494/A_CULTURA_DO_QUARTO_E_O_USO_EXCESSIVO_DA_INTERNET_RESULTADOS_NACIONAIS_DO_INQUERITO_EU_KIDS_ONLINE)

tal como acontece com os adultos, existe uma tendência para o auto didatismo no que diz respeito ao relacionamento com as novas tecnologias, e nesse sentido é muito provável que não estejam minimamente preparados para lidar com os riscos da mesma forma que alguém que tenha sido preparado para lidar com esses mesmos riscos.

Vejamos que qualquer atividade que represente um risco para um adulto, quando essa mesma atividade é efetuada por uma criança o risco é sempre muito maior.

Assim é todo pertinente e necessário elencar os principais riscos associados à utilização das redes sociais por menores/adolescentes, sendo que o projeto Europeu atrás referido, o EU Kids Online, considerou que os riscos que produzem mais impacto junto dos utilizadores mais jovens são: CyberBullying, Sexting, CyberStalking, pornografia e encontros com pessoas que foram conhecidas através da internet.

De seguida serão abordados três dos principais fatores de risco, caracterizando-os do ponto de vista criminológico.

### **1.2.2 CyberBullying**

Para se definir o Cyberbullying teremos que falar incontornavelmente do termo originário, o bullying, sendo este caracterizado por práticas de agressões físicas, imposição de alcunhas, ameaças, roubos, ofensas verbais, expressões e gestos que têm a intenção de gerar mau estar às vítimas, sendo estas conhecidas também chamadas de “alvos”; são tomadas atitudes de indiferença, discriminatórias, de isolamento e difamantes<sup>12</sup>.

Já o seu “descendente” Cyberbullying é aquele que é praticado através dos meios eletrónicos: tratando-se do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) comumente utilizadas em emails, SMS, telemóveis, fotos publicadas na Internet, sites destinados apenas para a difamação, publicação de mensagens ofensivas ou difamatórias em ambientes virtuais, etc.- sendo assim adotado como um recurso para a prática de comportamentos hostis e frequentes contra um grupo ou um indivíduo.

---

<sup>12</sup> Conceito de Bullying - <https://www.significados.com.br/bullying/>

O Center for Safe and Responsible internet Use<sup>13</sup> apresenta uma breve e abrangente definição para este termo, apresentando-o como um discurso difamatório que constitui *bullying*, assédio ou discriminação, revelar informações pessoais ou que contenham comentários ofensivos, vulgares ou depreciativos (Willard, 2003, p. 66). Já o Canadiano Bill Belsey define o Cyberbullying (CB) da seguinte maneira:

“O cyberbullying envolve o uso de informações e tecnologias da comunicação como o e-mail, o telefone celular e aparelhos de envio de mensagens de texto, as mensagens instantâneas, os sites pessoais difamatórios e os sites difamatórios de votações na internet com o objetivo de apoiar o comportamento deliberado, repetido e hostil por parte de um indivíduo ou de um grupo que tem a intenção de prejudicar outros indivíduos.” (Belsey, 2005)

Alguns pesquisadores definem o CB como “a ofensa deliberada e repetida infligida por meio de texto eletrónico” (Patchin e Hinduja, 2006). Outros pesquisadores deste tema definem o cyberbullying como:

“Uma ação agressiva e intencional realizada por um grupo ou por um indivíduo, com o uso de formas de contacto eletrónico, de forma repetida e ao longo de um período contra uma vítima que não consegue se defender com facilidade.” (Smith, 2004)

Existem muitos métodos de praticar o CB que incluem o envio de mensagens de texto com insultos, o envio de e-mails ameaçadores com o encaminhamento para a sua lista de contactos e a criação de sites com imagens difamatórias, ameaças e insultos. Estas ações promovem a humilhação pública do seu alvo (Shariff, 2011, p. 61).

Em geral, o *bullying* virtual assume a forma do *bullying* verbal ou escrito. As formas escritas de comunicação, em especial a comunicação online, normalmente podem ser gravadas, reproduzidas e apresentam um carácter de permanência, ao passo que a palavra falada, caso não seja gravada, dificilmente pode ser reproduzida. (Shariff, 2011, p. 62).

Em síntese, pode dizer-se que o CB consiste em utilizar as TIC para, de alguma forma, perseguir e importunar alguém. Trata-se então de “massacrar psicologicamente” a vítima através mensagens de texto, telefonemas anónimos, fotografias que são colocadas na Internet, entre outros. O objetivo do agressor será levar a vítima ao desespero, podendo em muitas situações os impactos ser fatais. (Shariff, 2011)

---

<sup>13</sup> N. de T.: Literalmente, “Centro para o Uso Seguro e Responsável da internet”, E.U.A.

É possível verificar que nos relatórios efetuados pela EU Kids Online, foi efetuado um estudo no ano de 2011 em 25 países europeus sobre a prevalência do bullying e cyberbullying em crianças situadas na faixa etária dos 9 aos 16 anos.

Sendo possível observar que o intervalo da idade dos 13 aos 16 anos é o que representa uma maior percentagem de vítimas, verifica-se ainda que qualquer forma de bullying online ou offline é a que tem maior prevalência no estudo efetuado. Assiste-se também ao facto de que o género feminino é mais afetado por este fenómeno, estando em destaque aquele que é praticado via internet relativamente ao sexo oposto.

**Tabela 4.** Formas de bullying praticadas contra crianças durante o ano de 2011, por sexo e idade.

%	9-12 years		13-16 years		All
	Boys	Girls	Boys	Girls	
In person face to face	13	12	13	14	13
On the internet	4	4	6	9	6
By mobile phone calls, texts or image/video texts	2	2	4	6	3
Has been bullied at all, online or offline	18	18	18	21	19

Fonte: EU Kids Online (2011)

Assim é claramente necessário verificar a importância da minimização deste tipo de fenómenos, para evitar o impacto das suas consequências sobretudo na vida das crianças e adolescentes.

Desta forma e analisando as duas partes do fenómeno, tanto as vítimas como os agressores, é assim possível verificar que estes últimos são caracterizados como indivíduos que possuem uma sensibilidade reduzida ao sofrimento, sendo que no contexto

do ciberespaço, os indivíduos têm menos sinais afetivos, sociais e contextuais do que na presença dos outros. (Ayoma et. All ,2011)

Já as vítimas de bullying e/ou cyberbullying são caracterizadas por começarem a ter baixa auto estima, dificuldades de aprendizagem, de concentração, baixo desempenho escolar, depressão e riscos associados ao suicídio. (Fonseca, 2015)

Legalmente, em Portugal, não existe uma lei específica que criminalize o fenómeno do Cyberbullying, contudo as ações praticadas poderão ser enquadradas noutra tipo de criminalização como é o caso dos crimes de discriminação, devassa da vida privada, ameaças, coação, perseguição, ou outros crimes contra a liberdade pessoal que estejam implicados no ato da prática do cyberbullying, previsto na lei Penal<sup>14</sup>.

### 1.2.3 CyberStalking

Etimologicamente a palavra Cyberstalking, tida como um neologismo, deriva do prefixo inglês *Cyber*, sendo este um referencial de pertença cultural (neste caso à cibercultura), seguido de *Stalk* que também traduzido do inglês significando o ato de perseguir e o *ing* é um sufixo que indica ação. Ou seja, é uma caracterização do ato de perseguir no contexto da cibercultura, naturalmente em ambiente online.

O cyberstalking pode definir-se como sendo a utilização da Internet para molestar, perseguir ou assediar outrem, insistente e repetidamente (Reno *cit. in* Pinheiro, 2016). Caracteriza-se por ser um padrão de comportamentos de assédio persistente, que se traduz em formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo. Estes comportamentos podem consistir em ações rotineiras e aparentemente inofensivas (como oferecer presentes, comunicar online frequentemente) ou em ações inequivocamente intimidatórias (por exemplo, perseguição, mensagens ameaçadoras). Pela sua persistência e contexto de ocorrência, este padrão de conduta pode escalar em frequência e severidade o que, muitas vezes, afeta o bem-estar das vítimas, que são sobretudo mulheres e jovens. Consiste na

---

<sup>14</sup> - Código Penal Português , pesquisado em :  
[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=109&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tabela=leis)

vitimação de alguém que é alvo, por parte de outrem (o cyberstalker), de um interesse e atenção continuados e indesejados (vigilância, assédio, perseguição), os quais podem gerar ansiedade e medo na pessoa-alvo.

O Cyberstalking é um género de violência que se caracteriza pela perseguição objetiva de alguém (vítima) em que o agressor (stalker) pode telefonar, enviar mensagens, fazer esperas, difamar, frequentar os mesmos lugares, fazer ou enviar encomendas em nome da vítima (Matos *et alii cit. in* Pinheiro, 2017). Este tipo de conduta, motivado por alguma obsessão paranoica, aversão, retaliação, ou brincadeira, consistirá num forte impacto psicológico e social na vítima, desencadeando medo e ansiedade.

Verifica-se que o Cyberstalking é um fenómeno crescente, particularmente na população juvenil, existindo alguns estudos recentes que demonstram a relevância deste fenómeno, entre eles o estudo do *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS)*<sup>15</sup> em 2010 que revelou que 63% dos cyberstalkers eram jovens e o estudo de Ferreira, Martins e Abrunhosa (2011), com jovens dos 10 aos 18 anos, onde é possível verificar que o cyberstalking é o terceiro risco online mais relatado pelos adolescentes portugueses.

Novo (2014), num estudo efetuado entre 627 jovens portugueses com idades entre os 12 e os 16 anos, avança com a análise relativamente aos hábitos da utilização das TIC, onde apenas os comportamentos de ‘adicionar à lista de amigos virtuais pessoas que não se conhece pessoalmente’; ‘marcar pela internet/telemóvel encontros presenciais com alguém que não se conhece pessoalmente’; e ‘não falar com o encarregado de educação quando algo ou alguém online faz com que se sinta desconfortável ou ameaçado’, são preditores significativos da perpetração de cyberstalking.

#### **1.2.4 Sexting**

O termo *sexting* resulta das palavras “sex” (sexo) e “texting” (ato de enviar de SMS<sup>16</sup>) e significa a troca de mensagens de cariz erótico com ou sem fotos via telemóvel, chats ou redes sociais.

---

<sup>15</sup> - Disponível em: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/nisvs/index.html> pesquisado a 13/09/2017

O *sexting* emerge a partir do século XXI, nos E.U.A., e pode ser entendido como uma prática sociocultural, de conotação sexual, através das diversas tecnologias digitais.

Nesse sentido, essa prática tem como objetivo a exibição da sexualidade, Foucault (2007) afirma que a sexualidade é um dispositivo histórico, que articula prazeres, poderes e saberes, com o objetivo de responder a uma urgência. Assim a sexualidade pode ser entendida como uma construção social, cultural e histórica (Foucault, 2007), neste sentido é de todo pertinente relacionar estes comportamentos com os jovens enquanto seres em crescimento.

Desta forma entende-se que o *sexting* faz parte deste dispositivo histórico na medida em que está relacionado com desejos, saberes e prazeres, tendo no entanto uma vertente contemporânea, visto que utiliza as novas tecnologias para que os sujeitos possam ter a oportunidade de tornar-se uma personalidade em determinado momento através da exibição da sua sexualidade.

O maior perigo de *sexting* é que essas fotos ou mensagens acabem divulgadas pela internet ou nas mãos de pessoas erradas, este fenómeno é especialmente comum entre adolescentes e jovens adultos, na grande maioria das vezes as imagens ou mensagens íntimas são enviadas no contexto de uma relação de namoro, mas as motivações poderão ser diversas, tais como: fornecer uma “prova de amor” pelo envio de fotos eróticas; desejo de afirmar audácia e autoconfiança exibindo o corpo de forma sedutora; solicitação do parceiro(a) para fazê-lo sob chantagem emocional; ser convencido por alguém a fazê-lo durante uma conversa online; envio por vingança de fotos ou mensagens de terceiros; envio por erro (em especial a partir de um telemóvel)<sup>17</sup>.

Uma vez mais, analisando os dados disponíveis na plataforma EU Kids Online , é possível verificar que num estudo efetuado por Daniel Cardoso e Cristina Ponte da FCSH da Universidade Nova de Lisboa em setembro de 2011 , foram alvo de estudo 25000 adolescentes Europeus entre os quais 1000 eram portugueses, com idades representadas entre os 09 e os 16 anos e utilizadores da internet, constatando-se que

---

<sup>16</sup> SMS- acrónimo de *Short Message Service* (tradução: Serviço de Mensagens Curtas) serviço que permite o envio e receção de mensagens curtas .

<sup>17</sup> Perigos do Sexting – Internet segura.pt , pesquisado em <https://www.internetsegura.pt/riscos-e-prevencoes/sexting>

2,4% dos jovens inquiridos em Portugal admite ter enviado, postado ou recebido mensagens sexuais de qualquer tipo, através da internet.

Ação	%
Mandar a alguém mensagens de cariz sexual através da internet	1,1
Postar uma mensagem sexual onde outros a podem ver	0,8
Falar sobre assuntos sexuais na internet	0,3
Pedir a alguém para lhe enviar uma imagem ou vídeo mostrando as partes íntimas	0,2
Enviar uma foto ou um vídeo mostrando as suas partes íntimas	0

Fonte: EU Kids Online, 2011

Destaca-se claramente o envio de mensagens de cariz sexual (*sexting*) com 1,10% , seguido da publicação de mensagens sexuais onde outros o podem ver com 0,80%.

Assim verifica-se que o fenómeno *sexting*, aliado à expansão das TIC, assume-se como um verdadeiro risco para os menores que utilizam a internet, na medida em que a captação de imagens que extravasam o limiar da privacidade poderão desencadear vários efeitos traumáticos como é o caso da chantagem psicológica, denegrir a imagem ou reputação do adolescente visado, associando-se assim este fenómeno ao atrás referido *Cyberbullying*.

Do ponto de vista criminal, embora não haja um regime jurídico que especifique e puna a prática de *sexting* este pode estar enquadrado nos crimes de devassa da vida privada previsto na legislação penal no Art.º 192º do Código Penal, e a garantia do direito de imagem previsto no Artº.79º do Código Civil.

## II - Estudo Empírico

### 2.1 Objetivos do estudo

Habermas defendia que uma investigação deve sempre conter em si uma intenção de mudança (Coutinho, et al., 2009, p. 357) e para Pacheco e Morgado (2014/2015, p. 4):

“Um projeto é um estudo, um plano de ação sobre uma situação, sobre um problema ou um tema”

Assim a investigação escolhida para a planificação deste projeto destina-se sobretudo à compreensão dos riscos associados à utilização das Redes Sociais, inclinada para uma abordagem direcionada à sua utilização por parte de menores/adolescentes, identificando quais poderão ser os riscos mais frequentes que este público-alvo enfrenta, o papel dos cuidadores, e a existência de medidas de prevenção.

Ao longo de todo o enquadramento teórico é possível observarmos a existência de diversos estudos direcionados ao tratamento de dados referentes aos riscos associados à utilização das redes sociais por adolescentes/menores. Tendo por base a literatura existente, enunciei aqueles que se julgam ser os principais fatores de risco, no entanto é de todo necessário adaptar este estudo, particularmente, à realidade dos jovens portugueses em determinado intervalo etário, sendo por isso objeto de estudo o seguinte:

- Verificar o modo de utilização das redes sociais por género e intervalo de idade;
- Quantificar o tempo médio de utilização da internet;
- Estabelecer a forma de como e quando é utilizada a internet;
- Verificar a taxa de incidência dos maiores riscos mencionados: *Cyberbullying, Cyberstalking e Sexting*.
- Quantificar qual o número de vítimas indicadas no estudo;
- Avaliar o acompanhamento parental no acesso às redes sociais;
- Aferir a existência de informação acerca dos riscos da utilização das Redes Sociais, e se esta é suficiente ou deficitária;

A metodologia a aplicar será sobretudo quantitativa, uma vez que este projeto tem por objetivo a identificação dos riscos associados à utilização das Redes Sociais por

menores. Com os dados, indicadores e tendências observáveis poder-se-á recolher medidas quantificáveis de variáveis e efetuar inferências a partir de uma amostra de uma população, isto é, todas as informações poderão ser apresentadas sob a forma numérica, para subseqüentemente serem classificadas e analisadas.

## 2.2 Descrição da metodologia aplicada

Neste ponto, é apresentada a metodologia que irá ser utilizada para o estudo empírico, com o objetivo principal de caracterizar os adolescentes que utilizam as Redes Sociais, quais as Redes que utilizam, o conhecimento existente dos riscos associados à sua utilização, qual o papel dos pais ou cuidadores na supervisão das “tarefas virtuais” que os menores a seu cargo desempenham, e observar a possível existência de vítimas devido a determinada conduta.

De acordo com Charles (1998), existem procedimentos distintos para a recolha de dados numa investigação: notação, descrição, análise, questionário, entrevista, inquéritos, testes e medição.

Para a realização deste projeto seriam utilizados inquéritos por questionário como instrumento preferencial para uma correta análise à temática pretendida. Assim, nesse sentido, iriam ser abordados menores/adolescentes no intervalo de idade situado entre os 10 e os 17 anos, pois é durante esta faixa etária que ocorrem variadas mudanças nos indivíduos, sendo também a passagem de criança para pré-adolescente, adolescente e pré-adulto.

Toda e qualquer investigação empírica terá, para serem bem sucedida, diversas etapas. Estas deverão ser precedentemente delineadas para que seja possível chegar a conclusões, assim, este projeto terá como primeira fase a solicitação de uma autorização<sup>18</sup>, esta terá que ser dada pela Direção Geral da Educação, pois o melhor local para obter dados relativos a esta faixa etária será sem dúvida o ambiente escolar, mais concretamente em estabelecimentos de ensino que sejam compostos por turmas do 5º ao 12º ano, assim terá também de ser efetuado um pedido formal para o(a) Diretor(a) das escolas em que se pretende aferir os resultados<sup>19</sup>, e, naturalmente, uma

---

<sup>18</sup> - Ver Anexo I

<sup>19</sup> - Ver Anexo II

declaração de consentimento informado que será dirigida aos encarregados de educação<sup>20</sup>.

Para a realização deste projeto e para que se consiga chegar a algum tipo de conclusão sobre o fenómeno que pretendemos estudar, será necessário realizarmos um inquérito a cada indivíduo (amostra).

### **2.3 Amostra/ Participantes**

A amostragem é um processo seletivo dos sujeitos que participam em determinado estudo. O sujeito é o indivíduo sobre quem se recolhem dados, já a população alvo é o conjunto de pessoas ou elementos a quem se pretende generalizar os resultados e quem partilham uma característica comum. A amostra é o conjunto de sujeitos (pessoas, documentos...) de quem se recolhe os dados e deve ter as mesmas características das da população de onde foi extraída (Coutinho, 2014, p.89).

Assim a amostra deverá ser abrangente de forma a chegarmos a conclusões sólidas e de forma a ser possível fazermos algum tipo de análise. Para tal, será necessário uma amostra de todas as turmas de cada grau letivo pois, extraíndo-se assim duas turmas por cada ano letivo com aproximadamente 30 alunos por turma, porque como atrás referido, estão representados vários intervalos etários. A implementação dos inquéritos por questionário será efetuada em duas escolas diferentes, uma no interior do distrito de Viana do Castelo e outra no litoral deste mesmo distrito, na medida em que as densidades populacionais são bastante distintas. Como o objetivo é chegar a conclusões sobre quais os riscos associados à utilização das redes sociais, será de igual modo importante verificar qual a faixa etária mais afetada e de igual forma, qual o género mais afetado.

---

<sup>20</sup> - Ver Anexo III

## **2.4 Procedimentos**

Como já referido no ponto anterior, serão efetuados inquéritos por questionário<sup>21</sup>, estes serão anónimos e destinam-se exclusivamente para obtenção de resultados dentro da temática estudada.

Após autorização da Direção Geral da Educação, posteriormente será de todo conveniente efetuar uma visita à Escola Secundária de Melgaço e outra à Escola Secundária de Monserrate- Viana do Castelo afim de reunir com os seus diretores para ajustar os procedimentos a levar a cabo.

Será efetuada uma carta informativa<sup>22</sup> sobre todos os procedimentos a adotar na implementação da metodologia do trabalho tendo em conta a obtenção da declaração do consentimento informado. Seguidamente serão entregues aos alunos das turmas, que irão participar no estudo um exemplar da carta informativa e uma declaração de consentimento informado para que possam entregar ao seu encarregado de educação, através do professor que está encarregue da direção de turma. Naturalmente que se seguirá um hiato entre a entrega e o recebimento das respetivas declarações, depois de recebidas terá de se averiguar quais os alunos que estão disponíveis para entrar no estudo e apenas estes entrarão na amostra.

Posto isto seguir-se-á a entrega dos inquéritos, que serão aproximadamente 30 por turma, distribuídos em duas turmas de cada ano letivo até ao 12º ano inclusive (30 alunos x 2 turmas = 60 alunos x 8 anos letivos = 480 alunos x 2 escolas = 960 alunos no total da amostra).

A entrega será efetuada em dia a designar pela respetiva escola, e será, preferencialmente, realizada em contexto de sala de aula, numa aula de direção de turma.

A implementação em duas diferentes escolas deve-se ao facto de estas se encontrarem em situações distintas no que diz respeito à vida em sociedade, pois as suas densidades

---

<sup>21</sup> - Ver Anexo V

<sup>22</sup> - Ver Anexo IV

populacionais são assinalavelmente diferentes, no sentido em que Melgaço é uma vila e Viana do Castelo é uma cidade capital de distrito.

Será de todo pertinente avaliar se existe diferenciação nos resultados apresentados dependendo da sua localização geográfica.

## **2.5 Análise e discussão dos resultados**

O presente projeto de graduação apenas se destina à realização de uma proposta de estudo, não tendo sido por isso ainda aplicado. Tendo este o objetivo de estudarmos com maior precisão e profundidade os riscos associados à utilização das redes sociais por menores, será de todo importante que sejam focados os objetivos mais específicos, pois serão estes que permitem que a investigação seja mais clara e, por conseguinte, mais fácil de se chegar a alguma conclusão.

Todavia, antes de uma análise de resultados propriamente dita, deverá existir uma fase de pré-análise, tendo esta como objetivo sistematizar as ideias, elaborando um esquema preciso no que diz respeito ao desenvolvimento do trabalho, permitindo assim a eliminação, introdução e substituição de novos elementos que contribuem para uma melhor explicação do fenómeno estudado (Richardson, 2008).

A metodologia utilizada para a realização deste projeto de graduação será, como em cima mais detalhado, de índole quantitativa, mais especificamente utilizando inquéritos por questionário para atingir esse fim e, por tal, a análise dos resultados deverá ser feita com cuidado e precisão.

Visto que o questionário se destina á recolha de informações sobre determinados comportamentos relacionados com a utilização das redes sociais, é necessário saber interpretar os resultados obtidos, diferenciando os dados das duas escolas, não correndo assim o risco de enviesamento dos dados, tendo estes que ser avaliados exaustivamente e comparados simultaneamente.

Posto isto, haverá sempre uma margem para uma análise ao conteúdo final, onde será possível aferir a necessidade de uma eventual intervenção nas referidas escolas. Após a obtenção dos resultados poderá efetuar-se uma análise que será sobretudo quantitativa, mas também qualitativa na medida em que a criminologia é uma ciência que se debruça sobre a observação da ocorrência de fenómenos ligados ao crime.

## 2. Conclusão

O presente projeto de graduação, como já referido na introdução, teve como fator de impulsionamento a observação do crescente desenvolvimento das novas tecnologias da informação, nomeadamente através do seu forte motor, a internet.

Com o surgimento destas novas tecnologias é possível verificar que as sociedades vão-se adaptando a novas formas de socialização, e nesse sentido sentiu-se curiosidade sobre a temática e através de várias leituras, foi observado que este desenvolvimento eletrónico extravasa os limites da mera comunicação. Os diálogos passaram a ser efetuados à distância de um “click” e, conseqüentemente, este distanciamento nas relações interpessoais está revestido de alguns riscos que se achou ser pertinente analisar, sobretudo no que diz respeito à sua utilização pelos menores.

É necessário observar que todas as sociedades são formadas por redes sociais onde os seus membros partilham a cultura sobre a sua forma de estar na vida, contudo desde o aparecimento da internet o conceito de rede social teve uma mudança paradigmática, pois a rede social que os indivíduos estavam habituados era mantida com uma interligação pessoal, presencial, o diálogo que se mantinha no seio dessas redes era mantido face a face, no entanto com este desenvolvimento passou também a ser mantida de forma virtual, ou seja, a rede social que até então era presencial passou também a ter conotação online.

Na revisão da literatura faz-se a análise à rede social “*Facebook*” pois esta é a que mais utilizadores tem a nível mundial, sendo encarada como um verdadeiro depósito de socialização virtual pois é um espaço de partilha, encontro e discussão de ideias, mas acima de tudo esta rede social comporta em si um grande número de usuários menores.

A utilização das redes sociais online por utilizadores menores, está intrinsecamente ligada a um conjunto de riscos que poderão afetar a socialização destes, constituindo-se muitas vezes na prática de crimes, pois a comunicação virtual é permitida com qualquer pessoa, e estando num contexto de ausência física a identidade de quem está do outro lado pode ser sempre um motivo de desconfiança pois facilmente esta poderá ser adulterada, quebrando-se assim a barreira da idade. De igual forma a partilha de informação via internet poderá ser considerada perigosa já que a divulgação de ficheiros, fotografias ou vídeos poderão ser utilizados como moeda de troca em situações de chantagem emocional ou ameaças.

Assim verifica-se que os menores estando expostos a diversos riscos, reveste-se necessário aferir quais são os que obtêm maior prevalência, e nesse sentido através de vários estudos realizados, nomeadamente o projeto europeu EU Kids Online, foi possível identificar que o Cyberbullying, o CyberStalking e o Sexting apresentam-se como os mais frequentes.

Desta forma, este projeto de graduação na sua parte empírica, demonstra uma metodologia que consiste na aplicação de inquéritos por questionário destinado a um público alvo situado entre os 10 e os 17 anos, no sentido de ir ao encontro da avaliação do conhecimento que estes têm sobre a temática, e sobre a eventualidade de existência de vítimas.

Com aplicação destes inquéritos em duas escolas distintas, sendo uma situada numa vila e outra numa cidade, pretende-se chegar a conclusões sobre os fenómenos citados, sendo de igual forma importante avaliar se fatores como o ambiente, a supervisão parental e a informação existente tem influência na prevalência destes riscos.

Por fim, depois de toda a revisão da literatura sobre temática abordada e as informações privilegiadas que se obterá com o contributo dos alunos participantes nos inquéritos, pretende-se consciencializar e contribuir para um melhor entendimento sobre os riscos da utilização das redes sociais pelos menores, sendo também possível avaliar a necessidade de implementação de medidas de prevenção, chegando-se à conclusão de que, embora haja alguns trabalhos sobre o tema, ainda há um vasto caminho a percorrer no que diz respeito à consciencialização deste público alvo, sendo que um criminólogo poderá ajudar neste processo difícil, mas possível.

## Referências Bibliográficas

Aoyama, I. *et alli* (2011) *Cyberbullying among high school students: Cluster analysis of sex and age differences and the level of parental monitoring*. International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning, v. 1, n. 1, p. 25-35.

Belsey, B. (2005). Internet usage: Facts and news. [em linha]. Disponível em <[www.cyberbullying.ca/facts\\_st.html](http://www.cyberbullying.ca/facts_st.html)>. [Consultado em 14/07/2017].

Boyd, D. (2007). *Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life*. [Em Linha] Disponível em <<http://www.danah.org/papers/WhyYouthHeart.pdf>> [Consultado em 07/07/2017]

Boyd, D., Ellison, N. (2008). *Social Network Sites: Definition, history and scholarship*. Journal of Computer-Mediated Communication, 13, pp.210-230.

Cardoso, Gustavo (2003). *O que é a Internet*, Lisboa, Quimera.

Cardoso, *et alli* . (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.

Cardoso, Gustavo e Lamy, Cláudia (2011), *Redes sociais: comunicação e mudança*. JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N.º 1, Primavera 2011. [Em linha].Disponível em <[http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2\\_n1/pt/pt\\_vol2\\_n1\\_art6.pdf](http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2_n1/pt/pt_vol2_n1_art6.pdf)> [Consultado em 28/06/2017]

Castells, Manuel (2003). *La Era de la informacion – economia, sociedad y cultura*. Vol. I- La Sociedad Red., Madrid, Alianza Editorial.

Castro, C. (2005). *Direito da Informática, Privacidade e Dados Pessoais*. Coimbra, Almedina.

Clarke, B. (2009). *BFFE (Be Friends ForEver): the way in which young adolescents are using social networking sites to maintain friendship and explore identity*. University of Cambridge - WebSci09 Conference.

Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra, Almedina.

Coutinho, C. P., et alli. (2009). *Investigação-Ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Psicologia, Educação e Cultura, (pp. 355-379). Avintes.

Farinho, Domingos S. (2006). *Intimidade da vida privada e media no ciberespaço*, Coimbra, Almedina.

Ferreira, F., Martins, P., & Abrunhosa, R. (2011). *Online sexual grooming: a cross-cultural perspective on online child grooming victimization*. 20th World Congress for Sexual Health, 12-16 junho, Glasgow, Reino Unido

Foucault, M. (2007). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.

Fuchs, C. (2011). *An alternative view of privacy on Facebook*, Information 2011 (2), pp. 140- 165. [Em Linha]. Disponível em < <http://www.mdpi.com/2078-2489/2/1/140/pdf>> [Consultado em 14/07/2017]

Garcia, M. et. alli (2016). *Identifying the new influencers in the internet era: socialmedia na social net work analysis*. Revista Española de Investigaciones Sociológicas, 153, pp.23-40

Greenhow, C. e Robelia, B. (2009). *Old Communication, New Literacies: Social Network Sites as Social Learning Resources*. Journal of Computer-Mediated Communication, 14 (4), pp.1130–1161.

Marwick, Alice E. (2013). *Online Identity*. In Hartley, J. Burgess, J. & Bruns, A. (eds), *A Companion to new media dynamics*. Blackwell Companions to Cultural Studies to New Media Dynamics, Malden, MA Blackwell, pp. 355-364.

Melanthiou, Y *et. alli.* (2014). *The use of social network sites as an e--recruitment.* Journal of Transnational Management, pp. 31-49

Melo, Alexandre (2002). *Globalização Cultural*, Lisboa, Quimera.

Monteiro, Tânia (2016). *As redes sociais como meio de difusão cultural* [em Linha]. Disponível em <[http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/7367/1/msc\\_tcamonteiro.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/7367/1/msc_tcamonteiro.pdf)> [Consultado em 19/06/2017]

Novo, Fábio (2014). *Ciberagressões, adolescência e envolvimento parental* [Em Linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30498/1/F%C3%A1bio%20Jorge%20Ribeiro%20Novo.pdf>> [Consultado em 18/10/2017]

Pacheco, J. A., & Morgado, J. C. (2014/2015). *Texto de Apoio às Aulas dos Cursos de Mestrado em Ensino.*

Papert, Seymour M. (1997). *A Família em Rede*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

Patchin, J. and Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, Vol. IV, Nº 2, pp. 148-69.

Pinheiro, L. (2016). *Cyberbullying e CyberStalking.* [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42389/1/Luzia%20de%20Oliveira%20Pinheiro.pdf>> [Consultado em 13/09/2017]

Raab, C.(2008), “ ?Vigilância e privacidade. As opções de regulação?”, in Frois, Catarina (org) *A Sociedade Vigilante. Ensaios sobre Identificação, Vigilância e Privacidade*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Richardson, R. (2008). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.* Brasil, Atlas.

Samsudin, Z. (2009). *The use of online social networking sites among Malaysian teenagers: What impact does it have on our classrooms?* Paper presented at the APEID International Conference on Education and World Bank-KERIS High Level Seminar on ICT in Education, Bangkok. [Em linha]. Disponível em <

[http://www.unescobkk.org/fileadmin/user\\_upload/apeid/Conference/13th\\_Conference/Papers/2.D.1\\_Online\\_social\\_networking\\_Zarina\\_Samsudin\\_.pdf](http://www.unescobkk.org/fileadmin/user_upload/apeid/Conference/13th_Conference/Papers/2.D.1_Online_social_networking_Zarina_Samsudin_.pdf).>

[Consultado em 07/07/2017]

Santos, M<sup>a</sup> de Lurdes Lima dos (1994). “1. Reprodutibilidade/Raridade: o jogo dos comentários na reprodução cultural”. In: A. Melo (ed.) (1994), *Arte e Dinheiro*, Lisboa, Assirio & Alvim, pp. 121-134.

Shariff, S. (2011). *Cyberbullying: Questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre, Artmed

Smith, W. J. (2004). Balancing security and human rights: Quebec Schools between past and future. *Educacion and Law Journal*, Vol. XIV, N<sup>o</sup>1, pp. 99-136.

Song, Y. (2015). *From Online Social Networks to Online Social Networks: Changes in Entrepreneurship*. Informatica Economica, pp.120-133.

Steeves, V. e Kerr, I. (2008), “*Quem está a tomar conta dos miúdos? Vigilância online a crianças e adolescentes?*”, In: Frois, Catarina, (org.) *A Sociedade Vigilante. Ensaios sobre Identificação, Vigilância e Privacidade*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Willard, N. (2003). Off –campus, harmful online student speech. *Journal of School Violence*, Vol. I, N<sup>o</sup> 2, pp. 65-93.

Zhao, X. et alli (2013). *The many faces of Facebook: Experiencing social media as performance, exhibition, and personal archive*. CHI: Changing Perspectives, Paris, France


# **Anexos**

## Anexo I – Pedido para realização de inquérito em meio escolar

Todos os pedidos de autorização para aplicação de inquéritos/realização de estudos de investigação em meio escolar, ao abrigo do Despacho N.º15847/2007, publicado no DR 2ª série n.º 140 de 23 de julho, deverão ser submetidos, para apreciação da Direção-Geral da Educação (DGE), através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) concebido especificamente para esse fim: <http://mime.gepe.min-edu.pt>, alojado na página da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC).

mime.gepe.min-edu.pt/EntidadeRegisto.aspx

---



### Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Início » **Registar entidade**

O registo de entidades é um procedimento essencial para poder efectuar o pedido de autorização da realização de inquéritos, questionários e formulários dirigidos às escolas do ensino público.

Se a sua entidade ainda não se encontra registada neste sistema, poderá efectuar o registo aqui.

Todos os campos são de preenchimento obrigatório. Os dados dos contactos devem ser preenchidos de forma completa e actual. O endereço de e-mail será utilizado para envio dos dados de acesso a este sistema (nome de utilizador e respectiva palavra-chave) e outras informações relacionadas com o processo de registo e autorização de inquéritos.

Utilizador:

Palavra-chave:

- Início
- Pesquisar inquéritos
- **Registar entidade**

**Dados da Entidade**

Nome da entidade:

Tipo de entidade:  Qual:

Morada:

Código postal:  -

Localidade:

Distrito: <-- Distrito -->

Concelho: <-- Concelho -->

Telefone:

Fax:

E-mail:

Fonte: Direção-Geral da Educação, disponível em: <http://mime.gepe.min-edu.pt>

## **Anexo II – Carta para pedido de realização do estudo à Direção da Escola**

Exmo(a). Sr(a). Diretor(a) da Escola EB 23 de Melgaço/ Escola Secundária de Monserrate,

O meu nome é Miguel Albano da Costa Lopes, sou estudante da Licenciatura em Criminologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa – Porto. De momento estou a desenvolver um Projeto de Graduação sob o tema: “ Riscos associados à utilização das redes sociais pelos menores”. Os objetivos principais são determinar qual a taxa de prevalência dos comportamentos de risco que os jovens têm com o utilização das redes sociais, nomeadamente o Cyberbullying, o CyberStalking e o Sexting , verificar a existência de supervisão parental bem como aferir a existência de informação adequada. A amostra será recolhida na Escola Secundária de Melgaço/Monserrate, utilizando duas turmas por cada ano lectivo, no sentido de abranger todas as faixas etárias do 5º ao 12º ano de escolaridade. O referido Projeto de Graduação tem como orientadora a professora Doutora Glória Jollunski. Para tal, gostaria de solicitar a sua autorização e colaboração para recolher dados dos alunos frequentadores dos anos letivos acima indicados, saliento ainda que o estudo não envolve dados pessoais e que o pedido de colaboração dos alunos será feito mediante consentimento informado dos seus encarregados de educação. Certo que o seu contributo me irá ajudar a desenvolver este estudo, agradeço antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade.

---

Miguel Albano da Costa Lopes

### **Anexo III- Declaração de consentimento informado dos encarregados de educação**

#### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Reconheço que os procedimentos de investigação me foram explicados e que todas as minhas questões foram esclarecidas de forma satisfatória. Compreendo igualmente que a participação no estudo não acarreta qualquer tipo de vantagens e/ou desvantagens potenciais. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar a participação do meu educando e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para o mesmo. Assim, declaro que aceito participar neste projeto de graduação, com a salvaguarda da confidencialidade e anonimato e sem prejuízo pessoal de cariz ético ou moral.

O aluno responsável pelo estudo:

---

(Miguel Albano da Costa Lopes)

O Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

#### **Anexo IV – Carta informativa para obtenção da declaração de consentimento informado**

O meu nome é Miguel Albano da Costa Lopes, sou estudante da Licenciatura em Criminologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa – Porto. De momento estou a desenvolver um Projeto de Graduação sob o tema: “ Riscos associados à utilização das redes sociais pelos menores”. Os objetivos principais são determinar qual a taxa de prevalência dos comportamentos de risco que os jovens têm com o utilização das redes sociais, nomeadamente o Cyberbullying, o CyberStalking e o Sexting , verificar a existência de supervisão parental bem como aferir a existência de informação adequada. A amostra será recolhida através da realização de inquéritos por questionário que serão distribuídos aos alunos que se situem na faixa etária dos 10 aos 17 anos de idade estando a frequentar os anos letivos do 5º ao 12º ano de escolaridade, terão carácter anónimo, destinam-se exclusivamente para tratamento de dados relativos á temática em estudo, e a participação não acarreta qualquer tipo de vantagens/desvantagens potenciais.

Para tal, gostaria de solicitar a sua autorização e colaboração para recolher dados junto do seu educando, saliento ainda que o menor poderá, se assim o entender, recusar-se a participar no estudo.

Certo que o seu contributo e do seu educando me irá ajudar a desenvolver este estudo, agradeço antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade.

---

Miguel Albano da Costa Lopes

## Anexo V – Questionário por inquérito a ser aplicado

### Inquérito sobre utilização das Redes Sociais

Este Inquérito por questionário realiza-se no âmbito de um Projeto de Graduação da Licenciatura de Criminologia da Universidade Fernando Pessoa e tem como finalidade saber qual a percepção dos riscos associados à utilização das redes sociais através da internet.

O Inquérito é anónimo e todos os dados recolhido serão tratados com confidencialidade.

Agradeço que colabores neste inquérito respondendo com honestidade para que os resultados sejam considerados fiáveis.

Obrigado.

\* Obrigatório

\*Obrigatório

#### 1. Género \*

Marcar apenas uma oval.

- Masculino  
 Feminino

#### 2. Intervalo de idade \*

Marcar apenas uma oval.

- 10-13 anos  
 14-15 anos  
 16-17 anos

#### 3. Qual o ano que frequentas? \*

Marcar apenas uma oval.

- 5º ano  
 6º ano  
 7º ano  
 8º ano  
 9º ano  
 10º ano  
 11º ano  
 12º ano

#### 4. Quanto tempo passas por dia ligado à Internet? \*

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 1 hora  
 Entre 1 a 2 horas  
 mais de 2 horas

**5. Onde costumavas aceder à Internet? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Na escola
- Em casa, sozinho
- Em casa, acompanhado

**6. Tens algum perfil nas Redes Sociais? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

**7. Qual a Redes Social que mais utilizas? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Facebook
- Twitter
- My Space
- Outra

**8. Já alguma vez aceitaste pedidos de amizade de pessoas que não conheces? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Outra

**9. Em relação aos riscos da utilização das Redes Sociais, considero-me... \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Muito bem informado
- Bem informado
- Pouco informado
- Nada informado

**10. Os teus pais já alguma vez te falaram sobre os perigos da internet? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

11. Na escola que frequentas, já foi efetuado algum esclarecimento sobre os perigos da internet? \*

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

12. Sabes o que é Cyberbullying? \*

Se respondeste Não avança para a pergunta 14

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

13. Se respondeste Sim à pergunta anterior, o que é para ti o Cyberbullying? \*

---

---

---

---

---

14. Sabes o que é CyberStalking? \*

Se respondeste Não avança para a pergunta 16

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

15. Se respondeste Sim à pergunta anterior, o que é para ti o CyberStalking? \*

---

---

---

---

---

**16. Sabes o que é o Sexting? \***

Se respondeste Não avança para a pergunta 18  
Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

**17. Se respondeste Sim à pergunta anterior, o que é para ti o Sexting? \***

---

---

---

---

---

**18. Conheces alguém que tenha sido vítima de CyberBullying, CyberStalking ou Sexting? \***

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

**19. Qual ? \***

Marcar apenas uma oval.

- CyberBullying  
 CyberStalking  
 Sexting

**20. Quem? \***

Marcar apenas uma oval.

- Eu próprio(a)  
 Um(a) colega de escola  
 Um familiar

21. Os teus pais costumam "navegar" contigo na internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Algumas vezes
- Sempre

22. Os teus pais já falaram contigo sobre o Cyberbullying, CyberStalking e o Sexting? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nunca falaram comigo
- Falaram comigo uma vez
- Falaram comigo várias vezes

23. Na tua escola existe informação sobre os riscos associados à utilização das Redes Sociais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma
- Pouca
- Alguma
- Muita